



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Há vivências, tempos e lugares, anúncios e palavras que, mais que marcantes, deixam marcas, marcas visíveis e profundas no rosto, na história e na vida que quem vive o labor de um “pão nosso de cada dia”, de quem, experimentado o dilúvio, sabe deixar-se enamorar pelas cores de um arco celeste que sinaliza tréguas e marca uma aliança totalmente nova, renovada e renovadora, prelúdio de uma outra humanidade onde outras águas revigoram a vida e devolvem graça. Marcas indelévels em quem, uma vez banhado nas águas, mesmo que turvas, de um dia-dia que clama e reclama outras possibilidades, sabe deixar-se conduzir pelo Espírito a outros desertos, mesmo sabendo que a aridez é tentadora, onde há fomes que se instalam, desejos que se revelam, poderes que emergem e vidas que precisam de Palavra como de pão para a boca: carecemos de uma boa dose de outras palavras que nos devolvam capacidade e poder de outras e melhores decisões, força e coragem que mitiguem o calor da caminhada que os “40” impõem e suavizem as areias que endurecem as pegadas, palavras que não sejam meros consolos ao jeito de “paninhos quentes” ou “palmadinhas nas costas”, mas que digam o que preciso de ouvir e me façam transformar naquilo que devo ser.

É no deserto das horas e dos dias, do tempo e do espaço, das realidades, do ser e do fazer, que o desafio da vitória acontece, onde se tecem lutas tão novas quanto antigas, que nos levam a superar estados tão velhos quanto a nossa idade, formas de ser, pensar e agir tão rebeldes quanto marginais, onde, não poucas vezes, se prefere o estado de vencidos, mas repletos de prazer e gozo, onde à custa da vivência e convivência com os “animais selvagens”, depressa se enfraquece o cordeiro que nos habita, endurecendo o coração e tecendo sentimentos tão mesquinhos quanto vazios que só esvaziam mais aquilo que vazio já está e é.

É no do vazio pós-dilúvio que as águas do Espírito fazem brotar outras sementeiras e as árvores abrigam novos ninhos onde a esperança molda outros chilreares e a alegria de ser novo é prefácio de uma história tão bela quanto diferente e se o deserto é de tentação também o é de vitória porque o Espírito não só conduz como fortalece, robustece e acalenta: Ele é o Senhor da vida!

A proximidade do reino de Deus instiga ao arrependimento e ao acreditar no Evangelho, um acreditar que me garante a eficácia de cada letra e o cumprimento de cada promessa, um arrependimento que vai além de uma obrigação de desobriga quaresmal, que não é apenas um grito de sobrevivência ou exigência ritual mas desafio a ser mais, muito mais, porque não existimos por pouco e para o pouco, porque o ser menos não é condição nossa.

O tempo cumpre-se e vai cumprir-se, humanizando olhares, escutas e dizeres, este meu e nosso coração que sente, a sabedoria que pensa e os gestos em que nos envolvemos; humanizando sentimentos, passos e acções; humanizando o meu ser humano! Nas tentações sou mergulhado numa Palavra que me levanta! Na fragilidade alcanço o poder de uma oração escrita com o meu punho e traduzida em palavras minhas!

O tempo marca “40”... para aperceber-me que existe um céu azul para além das nuvens escuras, que há um sol que brilha para além das estrelas, que há um rosto por detrás das máscaras.

Estamos no tempo e a tempo!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

I DOMINGO DA QUARESMA

Ano B

1ª Leitura

Génesis 9,8-15

A aliança de Deus com Noé, salvo das águas do dilúvio

2ª Leitura

1 Pedro 3,8-22

O Batismo que agora nos salva

Evangelho

São Marcos 1,12-15

Era tentado por satanás e os anjos serviram-n'O



Neste primeiro Domingo do Tempo da Quaresma, a Palavra do Senhor garante-nos que Deus está interessado em destruir o mundo velho do egoísmo e do pecado e em oferecer aos homens um mundo novo de vida plena e de felicidade sem fim.

A primeira leitura é um extracto da história do dilúvio que aconteceu com Noé e diz-nos que Jahwéh, depois de eliminar o pecado que escraviza o homem e que corrompe o mundo, depõe o seu “arco de guerra”, vem ao encontro do homem e faz com ele uma

Aliança incondicional de paz. A acção de Deus destina-se a fazer nascer uma nova humanidade, que percorra os caminhos do amor, da justiça, da vida verdadeira.

No Evangelho, Jesus mostra-nos como a renúncia a caminhos de egoísmo e de pecado e a aceitação dos projectos de Deus está na origem do nascimento desse mundo novo que Deus quer oferecer a todos os homens, o “Reino de Deus”. Aos seus discípulos Jesus pede – para que possam fazer

parte da comunidade do “Reino” – a conversão e a adesão à Boa Nova que Ele próprio veio propor.

O quadro da “tentação no deserto” diz-nos que Jesus, ao longo do caminho que percorreu no meio dos homens, foi confrontado com opções. Ele teve de escolher entre viver na fidelidade aos projectos do Pai e fazer da sua vida um dom de amor, ou frustrar os planos de Deus e enveredar por um caminho de egoísmo, de poder, de auto-suficiência. Jesus escolheu viver – de forma total, absoluta, até ao dom da vida – na obediência às propostas do Pai. Os discípulos de Jesus são confrontados a todos os instantes com as mesmas opções.

Na segunda leitura, o autor da primeira Carta de Pedro recorda-nos que, pelo Baptismo, os cristãos aderiram a Cristo e à salvação que Ele veio oferecer. Comprometeram-se, portanto, a seguir Jesus no caminho do amor, do serviço, do dom da vida; e, envolvidos nesse dinamismo de vida e de salvação que brota de Jesus, tornaram-se o princípio de uma nova humanidade.

SABIAS QUE...



... ontem, Sábado, 20 de Fevereiro, se celebrou a festa litúrgica dos santos Jacinta e Francisco Marto?

Tendo sido as primeiras crianças não mártires a serem canonizadas pela Igreja, os irmãos Jacinta e Francisco Marto em conjunto com a sua prima Lúcia, protagonizaram um dos acontecimentos mais marcantes da história da Igreja em Portugal e no mundo durante o século XX: as aparições de Nossa Senhora em Fátima.

Nascidos em Fátima, Aljustrel, a 11 de Junho de 1908 e a 11 de Março de 1910, Francisco e Jacinta, respectivamente, foram crianças marcadas pela simplicidade, humildade e inocência que caracterizavam o

Portugal rural do início do século XX. Demonstrando, desde sempre, uma devoção assinalável, as suas vidas ficariam marcadas pelas aparições, em 1916, do Anjo, e, em 1917, por sete vezes, de Nossa Senhora. Num mundo em convulsão, atravessando aquela que seria a I Grande Guerra Mundial, estes humildes pastores seriam, com a sua prima Lúcia, os primeiros mensageiros de Fátima e da mensagem e apelo à conversão dos povos que Nossa Senhora deixou, nomeadamente pela oração e devoção do Rosário como forma de reverter o secularismo que marcava o mundo.

Enfrentando todas as desconfianças e dúvidas que se geraram, Francisco e Jacinta nunca recuaram na coragem e perseverança da sua fé e na defesa daquilo que a Senhora lhes tinha transmitido. Faleceram, em consequência da epidemia da chamada “gripe espanhola”, a 4 de Abril de 1919, Francisco, e a 20 de Fevereiro de 1920, Jacinta, estando, actualmente, os seus restos mortais sepultados no Santuário de Fátima.

Beatificados a 13 de Maio de 2000 pelo Papa São João Paulo II e canonizados a 13 de Maio de 2017 pelo Papa Francisco, Jacinta e Francisco são exemplos de fé pura e plena.

Saibamos nós, nesta Quaresma que agora se inicia, acolher essa proposta de reconversão como caminho que dá sentido à nossa existência. Santa Jacinta e São Francisco rogam por nós!

POR CÁ

Bispo de Angra pede atenção a quem sofre com a pandemia



Na Mensagem para esta Quaresma, inspirada no Evangelho de Marcos: “Iam a caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus seguia adiante deles” (Mc. 10, 32), D. João Lavrador, bispo de Angra recorda que “o itinerário quaresmal” é um convite a “entrelaçar a vida de Jesus Cristo com a vida dos seus discípulos” e isso pressupõe que todos os baptizados façam um esforço para “despertar para uma vivência mais autêntica da fé cristã”: “É uma interpelação lançada a toda a pessoa, a todo o cristão mas sobretudo a toda a comunidade cristã. Ninguém pode ser cristão alheado do mundo no qual vive nem da comunidade na qual é chamado a participar activamente”, refere.

Por isso, “cada cristão, em itinerário quaresmal, fazendo ressoar em si mesmo a experiência de vida de Jesus Cristo e do próprio Povo de Deus que ao longo dos séculos foi chamado a caminhos de liber-

tação e de comunhão com Deus e com os outros seus irmãos, terá de integrar as dores e os sofrimentos, as perplexidades e angústias, a solidão e o desespero de tantos homens e mulheres que anseiam pela libertação total que sabemos que só poderá vir de Deus”.

Para cumprir este itinerário, D. João Lavrador fala num caminho com passos próprios: “pelo jejum e pela esmola, pela ascese e austeridade de vida, pela escuta mais assídua da Palavra, pela frequência dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação e pela oração mais intensa e fervorosa, fortalecemos a comunhão com Deus e com os nossos irmãos”. O bispo de Angra apela assim ao “despojamento”, à “integração na comunidade” e à edificação de uma “sociedade de irmãos”.

“Neste ano, mais uma vez não poderemos ignorar a pandemia que nos invade e tanto sofrimento, pobreza e solidão está a provocar. Esta situação apela à partilha com todos os que sofrem”, afirma D. João Lavrador.

Neste sentido, o Bispo determina que “o fruto da renúncia quaresmal a nível da diocese, em todas as comunidades, seja destinado para ajudar as vítimas da pandemia de Covid-19, vindo a ser repartido em partes iguais ela comissão diocesana da pastoral da saúde e pela Cáritas diocesana para ajudar a sustentar os efeitos desta pandemia”, esclarece o prelado diocesano.

POR LÁ

Papa propõe uma “Quaresma de Caridade”

Na sua habitual Mensagem para a Quaresma, este ano o Papa apela a uma atenção particular a quem sofre por causa da pandemia, destacando o contexto de “grande incerteza” que marca a preparação da próxima Páscoa: “Viver uma Quaresma de caridade significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid-19”, refere Francisco, num texto intitulado “Vamos subir a Jerusalém... (Mt 20, 18).”

O Papa aborda várias das práticas tradicionais deste período, que apresenta como “condições” para uma conversão pessoal.

Francisco recomenda um jejum que combata também a “saturação de informações – verdadeiras ou falsas – e produtos de consumo”, para permitir uma vida marcada pela “simplicidade de coração”.

“O caminho da pobreza e da privação (o jejum), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (a esmola) e o diálogo filial com o Pai (a oração) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operosa”, refere o Papa.

A mensagem desta Quaresma assinala o actual “contexto de grande incerteza quanto ao futuro”, no qual se pede aos católicos “uma palavra de confiança” que se manifesta na “atenção e com-

paixão por cada pessoa”: “No contexto de preocupação em que vivemos actualmente, onde tudo parece frágil e incerto, falar de esperança poderia parecer uma provocação”, admite o Papa, para quem este é o momento de confiar-se a Deus.

Francisco recomenda que os católicos procurem o sacramento da Penitência, procurando a reconciliação para que se possam tornar, depois, “propagadores do perdão”.

“O perdão de Deus, através também das nossas palavras e gestos, possibilita viver uma Páscoa de fraternidade”, aponta.



ENTRE NÓS...

“O vírus confinou uma tradição, mas que não confine a força que brota da nossa oração”



Desde o início dos tempos que a Quaresma representa um período de reflexão, introspeção, meditação e renovação da vida e dos seus hábitos lembrando-nos, para o efeito, a nossa condição de pecadores arrependidos perante a benevolência de um Deus de Amor disposto a perdoar-nos incessantemente.

A Quaresma, é por norma, tempo de reconciliação, período de renovação da fé cristã e do aprofundamento da ação de Deus no nosso coração e no coração dos que nos rodeiam, é altura de acreditar no Amor desmedido do Pai. Este é e deverá ser o objetivo maior deste período, deverá ser a meta que almejamos alcançar para vivermos a Páscoa na vida.

E como toda a meta tem inerente um percurso, um caminho, também aqui existe um caminho, simbolicamente composto por 40 dias, número que encontramos nas Sagradas Escrituras por diversas vezes e que antecedem grandes acontecimentos. O dilúvio durou 40 dias e 40 noites, 40 anos foi o tempo que passou o Povo de Israel no deserto, preparando-se para entrar na Terra Prometida. Os habitantes de Nínive fizeram 40 dias de penitência antes de receber o perdão de Deus. Moisés e Jesus fizeram 40 dias e 40 noites de jejum para prepararem a sua missão.

Existe sempre um caminho, assim foi e assim será, no entanto em 2021 este caminho não terá o Caminho característico na ilha do Arcaño. Este ano, na ilha maior, não se ouvirá o cântico arrastado e dolente da Avé-Maria, que muitas das vezes irrompia no silêncio das madrugadas. Não se verão os xales multicolores a destoar no verde das encostas nem se ouvirá o som metálico das ponteiros dos bordões a repicar no alcatrão das subidas mais inclinadas. Este ano janelas não se abrirão para ver os romeiros passar nas ruas das freguesias e às portas ninguém acorrerá a passo ligeiro para chegar a tempo de pedir orações aos Procuradores das Almas. Nas estradas desta ilha não cairão lágrimas de sofrimento nem gotas de suor de quem carrega pesado fardo debaixo de calor ardente. A tristeza não sairá à rua nos olhos dos pecadores nem se ouvirão súplicas de Perdão à Senhora nos altares dessa ilha. Não haverá sorrisos nos rostos do irmão do lado, capazes de nos fazer esquecer as nossas dores nem haverá o abraço madrugador e retemperador que nos aquece e protege o coração do frio penetrante do norte. O Cristo não sairá à rua nas mãos cândidas da criança mais nova, nem estará visível no rosto cansado do irmão mais velho.

Este ano, na Quaresma, São Miguel ficará mais pobre e triste pois ficará órfã de uma das suas tradições mais belas e sui generis. Contudo a tristeza que invadirá os caminhos desta ilha não deverá penetrar no Caminho da alma do seu povo. Nesta Quaresma já que o físico não pode caminhar que deixemos o nosso coração percorrer os cantos e recantos da nossa interioridade em busca de um diálogo com o Jesus que habita em nós. Que nesta Quaresma aproveitemos esta paragem para nos enriquecermos espiritualmente. Este é o grande desafio do momento que vivemos, temos que nos reinventar sem perder a esperança no abraço fraterno de amanhã.

O vírus manteve os xales, os lenços e as cevadeiras arrumados, mas não precisa de confinar as contas que compõem os terços que carregamos nas mãos.

O vírus confinou uma tradição, mas que não confine a força que brota da nossa oração.

Este ano a Quaresma será como tudo o resto, diferente na forma mas que não seja diferente na essência.

Paulo Pacheco
Rancho de Romeiros de São Pedro - Ponta Delgada